

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JOICE TORRES

“Consegui sobreviver à pandemia”

Com 25 anos de idade, Joice foi demitida e montou seu próprio negócio durante em plena crise da Covid-19

REPÓRTER: JOÃO ANDRÉ DE O. GREGIO

A pandemia da Covid-19 fez com que a situação da economia brasileira se agravasse ainda mais. Segundo a PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) apontou que o Brasil perdeu quase 600 mil empregadores, tendo uma baixa de 13,3% em 2021, em comparação ao segundo trimestre de 2019. Hoje são mais de 14 milhões de desempregados no país. Mas essa não é a realidade de Joice Cristina Torres de Faria, 25 anos, cabeleireira de Jaboticabal, que saiu da condição de empregada para empresária, passou a empregar pessoas e ainda realizar o seu sonho de começar a construir seu próprio salão de beleza, tudo isso sem sair de sua casa.



Foto: João André de O. Gregio

tenho meus princípios que é Deus em primeiro lugar e sinceramente acho que se ele não me guardasse eu estaria vulnerável a todas as coisas ruins que podem acontecer comigo.

Como você conseguiu sobreviver à pandemia? Como manteve a clientela?

A clientela subiu, aumentou bastante. A procura foi muita, vamos falar que aumentou uma taxa de 60% de clientes, houve um aumento mais da metade. Acho que o auxílio emergencial ajudou nisso, porque muita gente recebeu, por isso que eu consegui sobreviver financeiramente. Eu já tinha uma certa popularidade por conta que eu era funcionária de um salão, então a maioria das minhas clientes são desse tempo. No meio da pandemia, minha ex-patroa me mandou embora. Meu primeiro mês foi ruim, o segundo também, no terceiro foi melhorando e já no quarto tive que contratar uma funcionária porque não estava mais dando conta. Na hora que eu fui demitida eu não via solução, porque não tinha onde procurar trabalho durante a pandemia, tudo estava

fechando ou não estava funcionando. Teve dias em que eu chorava, todo dia orando, até que meu marido teve a ideia de abrir um salão aqui na minha casa. Foi aí onde comecei a mandar convites pela internet para as minhas clientes do meu antigo trabalho. A primeira cliente foi minha sogra, eu fiz o cabelo dela, postei no Facebook e minhas clientes antigas e novas foram vendo e se interessando; mandei meu número de telefone e comecei a agendar os horários. Foi assim que começou tudo, foi fluindo tanto que hoje nem tenho conta.

Manteve os preços anteriores à pandemia?

No começo eu tinha um preço de promoção, aquela jogada de marketing “faz a progressiva e ganha um corte” e aí no meio da pandemia tudo subiu demais, como energia e a água, então eu tive que acompanhar o preço e não tinha aumentado desde então. Eu abri o salão em abril, mesmo com tudo subindo eu mantive o preço, mas chegou um certo tempo que eu não consegui, porque quando eu ia fechar a conta ela não batia e não dava diferença, porque eu trabalhava mais

e recebia a mesma coisa do mês anterior. No dia 5 de agosto teve o reajuste; eu não subi aquele absurdo, mas mesmo assim no começo fiquei com medo, mas não afetou a clientela. E assim eu não aumentei por causa de querer ganhar mais, mas para poder ficar compatível com aquilo que eu ganhava nos meses anteriores e assim eu penso que a cada mês você tem que progredir e não pode ficar estacionado.

Como você expandiu o seu negócio em meio a tudo isso?

O que me ajudou mais foram as redes sociais, publicar fotos para o pessoal ver no Facebook e Whatsapp, fazer aquela jogada de marketing, promoções e mandando nos status.

Como você se sente tendo a oportunidade de oferecer emprego às pessoas? E qual a responsabilidade dessa iniciativa?

Olha, eu me sinto muito lisonjeada, porque é muito bom você dar emprego, pois querendo ou não, são famílias. Então hoje eu tenho uma funcionária e uma manicure, que não é uma funcionária minha, mas é uma porta de emprego para ela. É muito bom e gratificante, principalmente

durante a pandemia, porque todo mundo está procurando e querendo um emprego e eu sei muito bem a situação deles, já que eu estava na mesma situação que eles.

Os problemas econômicos e estruturais decorrentes da pandemia resultaram na escassez de matéria-prima, materiais e produtos. Você teve problemas relacionados a isso?

Nenhum.

Quais são as suas dicas e conselhos para aqueles que querem empreender e ter o seu próprio negócio?

Primeira dica é a iniciativa, ter muita determinação, ter fé que aquilo vai dar certo, ter bastante conhecimento e saber muito de marketing, como por exemplo aqui no salão, a pessoa está fazendo o cabelo e vê os perfumes que eu vendo, daí eu já começo a instigá-la a comprar aquilo, faço uma promoção ou falo que ela pode parcelar. O meu foco é muito em iniciativa, porque eu acho que se eu ficar parada, deitada no sofá, ficar pensando, eu não vou pra frente. Se não deu certo, pelo menos tentei e já vou bolando outra estratégia. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Como a pandemia afetou o seu negócio?

JOICE TORRES – A pandemia não me afetou muito negativamente; para mim foi muito boa na parte financeira. Foi um dos meus melhores anos.

Quais foram os seus meios para trabalhar durante a pandemia?

Eu trabalho com horário marcado. Então cada um com seu trabalho, tudo reduzido, usando máscara, álcool em gel e ainda continuo seguindo esses protocolos.

O que te fez seguir em frente?

Acho que foi a motivação de seguir em frente, um ânimo em pensar que amanhã pode ser melhor e que vai ser um novo dia, ter muita fé, eu

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: PEDRO SEGECIC

O lado B da bola. Em busca de um sonho

Saudades de casa, promessas impossíveis e outras barreiras no caminho de quem sonha ser jogador de futebol

REPÓRTER: KELVIN VENDITO

Pedro Segecic, menino sonhador de Jaboticabal, interior de São Paulo, com experiências no Brasil, Espanha e Portugal, conta como é a luta diária para vencer nesse campo de batalha. Com passagens por clubes como Montealtense, Matonense, Francana, Sport Club Senhora Da Hora (Portugal), o jogador diz que mesmo com campeonatos conquistados no exterior, os desafios são diários. "O pior é o extracampo", detalha o atleta. Na fase atual, com fim da pandemia, Segecic volta para Portugal no final do ano e continua lutando para realizar seu sonho.

MURAL ENTREVISTA – Pedro, onde começou a sua paixão pelo futebol? Quem foi o jogador que te fez ter a paixão que você tem hoje?
PEDRO SEGECIC – A paixão começou desde pequeno. Eu jogava bola na rua da minha vó e o jogador que alavancou essa paixão em mim, foi o Ronaldo Fenômeno quando chegou ao Corinthians, que é o time de coração do meu pai. Quando ele chegou e fez aquele gol contra o Palmeiras que derrubou o alambrado em março de 2009, foi onde alavancou minha paixão de vez. Conforme o passar do tempo, vi que eu era bom nesse esporte. Nunca fui muito fã de estudar, então estou entrando de cabeça no meu sonho.

Quando e como começou a sua vida no futebol buscando profissional?
Foi no Montealtense, clube de Monte Alto. Recebi o convite do professor da escola em que estudava e eu fui. Acabei não gostando



muito, mas no ano seguinte voltei para o clube e comecei a disputar campeonatos mais concorridos. Na Matonense, apesar de curta, foi uma experiência boa. Conheci como era a convivência dentro de alojamentos, passava a semana toda fora de casa vivendo futebol o tempo todo. Já na Francana, a passagem foi mais longa. Consegui jogar o Campeonato Paulista Sub-17. Toda a molecada estava crescendo junto e eu cheguei de paraquedas dentro do elenco. Mesmo assim consegui ganhar espaço. Fiquei uma temporada inteira dentro do clube e isso me trouxe muita experiência.

Saindo de Franca para a Europa. Mais precisamente a Espanha. Quais foram os clubes em que você atuou por lá e como foi a experiência de jogar futebol fora do país?

O principal clube que eu joguei lá foi o Moscardó, que agora está na terceira divisão. Sobre a minha vivência lá, foi complicado. Pelo fato de a cultura ser diferente, a saudade de casa e também algumas

pessoas mentiram para mim, fazendo com que perdêssemos dinheiro. Mas, em relação ao futebol, foi uma experiência boa que só tenho a agradecer.

Você disse que sente muita saudade de casa. Como foi para você, tão novo se manter fora de casa, na Europa?

Muito, muito difícil, mesmo. Sempre fui criado com meus pais e minha avó e sempre tinha almoço e jantar na casa da minha avó. Lá eu tinha que me virar, fazer a minha comida. Já em relação ao financeiro, quando eu não tinha dinheiro, ou eu almoçava ou jantava. Não dava para ficar pedindo dinheiro toda hora. Foi uma situação bem complicada, eu trocava o almoço pelo jantar várias vezes.

Quem te auxiliava era o treinador da equipe? Em todos os times que você passou foi dessa maneira?
Sim, graças a Deus consegui pegar treinadores muito bons. Mas tinha uma pessoa que atuava como meu agente que mais me enganou do que me auxiliou. Ao invés de

ele ser sincero e dizer que a caminhada seria difícil, ele prometeu coisas que não estavam ao alcance dele.

Depois dessas frustrações na Espanha, você foi para Portugal. Sua trajetória lá foi melhor?

Sim, foi bem melhor em Portugal. Consegui me adaptar bastante à língua e ao futebol. Eu costumo dizer que é um Brasil que deu certo em relação à convivência. Eu caí em um clube que me acolheu muito bem.

O clube que você atuou lá foi o Sport Club Senhora da Hora? Como você se saiu?

Me saí muito bem. Eu cheguei com moral e conquistei meu espaço aos poucos. Consegui ser campeão de um campeonato regional, da região de Porto. Nesse campeonato eu atuei em uma posição diferente da minha. De origem, sou volante, mas nessa ocasião atuei como lateral direito. Eu cumpri bem a função e o pessoal do clube gostou muito.

Por que você saiu do Senhora da Hora?

O clube me trouxe muitas felicidades e muitos amigos, mas eu tive algumas desavenças com o treinador. Meu pai achou melhor que eu saísse. O presidente do clube pediu para que eu ficasse, mas, mesmo contra minha vontade, eu ouvi meu pai.

Nesse momento você pertence a algum clube?

Estou no Brasil, mas eu jogo no Alcochetense, de Portugal. Estou aqui no Brasil no momento porque não foi possível a minha inscrição na janela de transferência dessa temporada. No final do ano retorno para lá. No meio da temporada, a janela de transferência reabrirá e aí será possível a minha inscrição.

Quais são as maiores dificuldades de crescer e se manter no futebol tanto no Brasil, quanto fora?

A maior dificuldade é a paciência. Todos falam: "paciência e perseverança que a sua hora vai chegar". Mas você vê o pessoal chegando e pensa "pô minha hora não vai chegar nunca?". Também tem as enganações. É agente que não é agente, empresário que não é empresário. E além disso tudo, tem a competição dentro de campo, mas ela só depende de você mesmo para conseguir. Então o principal ponto é o extracampo mesmo. Todas as pessoas por fora tentando te dar um "auxílio", podem te atrapalhar muito.

Em relação à xenofobia. Há muito disso lá fora?

Muito! Na Espanha tem demais. Eles pensam que estamos tentando tomar o lugar deles, mas na verdade estamos para somar, correr por eles e conquistar tudo juntos. Para mostrar que eu estava lá para somar, sempre fui no 'sapatinho', com a humildade em primeiro lugar. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costabile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MARIAH GAIOFATTO

Jovens sofrem com isolamento social

Ansiedade, depressão e abalo emocional são algumas consequências da pandemia

REPÓRTER:

ANA BEATRIZ FOGAÇA

Durante a pandemia do Covid-19, os casos de depressão e ansiedade em jovens dobraram em comparação aos períodos anteriores. Os impactos na saúde mental podem estar ligados ao longo período de isolamento social, perda de marcos importantes da vida, além de problemas financeiros e familiares. A psicóloga Mariah Gaiofatto explica sobre os principais motivos que causaram esse aumento no número de jovens com algum problema psicológico e os principais sintomas apresentados por eles que estão causando preocupação nos pais, familiares, amigos e professores.



MURAL ENTREVISTA – A senhora acredita que a população jovem foi uma das faixas etárias mais afetadas pelo isolamento social causado pela pandemia da Covid-19? Por que?

MARIAH GAIOFATTO – Eu acredito que cada faixa etária sofreu de uma forma diferente nessa pandemia; cada uma com uma com seus aspectos. Mas, acredito que a população jovem foi uma das faixas etárias que mais sofreu. Por estar em uma fase de descoberta, o jovem quer sair, conhecer pessoas novas, se descobrir e descobrir o mundo. A expressão “isolamento social” resume bem o sentimento. O jovem foi isolado da sociedade em um período em que se relacionar é essencial para o seu desenvolvimento.

Quais os principais sintomas apresentados por

esses jovens?

Os principais sintomas foram depressão, ansiedade, crises de pânico e transtornos de humor que se acentuaram por conta do isolamento; alguns acentuados e outros desenvolvidos em decorrência da pandemia

Quais as principais queixas apresentadas à senhora durante os atendimentos?

As queixas mais apresentadas foram ligadas à depressão, como o desânimo, a falta de vontade de fazer atividades que antes davam prazer. Outro sintoma bastante apresentado foi a ansiedade, já que o jovem, e todo o mundo, não tinha controle de quando iria acabar a quarentena, não sabia o que fazer, tendo um constante medo do futuro, medo de pegar a doença ou de seus familiares pegarem.

Quais os casos e sintomas mais graves que devem ser observados com muita mais

atenção pela família e servir como alerta?

Eu acredito que a família deve ficar atenta com sintomas como se isolar do resto da família, ficar muito tempo no quarto, não fazer muita coisa durante o dia, não esboçar muita reação, se tornar apático, perder o apetite, deixar de fazer atividades prazerosas como ver um filme ou ler um livro.

Qual o motivo, ou os motivos, que acentuaram os problemas psicológicos nessa faixa etária?

Eu acredito que o principal motivo que acentuou esses problemas psicológicos nos jovens foi o fato deles gostarem de sair, de conhecer gente, de se divertir e com o isolamento isso acabou do dia para a noite. A falta da interação social foi o que mais prejudicou essa faixa etária, já que com relação à educação a maioria conseguiu seguir por meio de aulas online. Então o que agravou foi a perda do aspecto social.

Quais os impactos da pandemia a longo prazo, na vida adulta desses jovens?

Acredito que os principais impactos são os traumas, as ansiedades e medos que, se não tratados da maneira correta, podem ser levados para a vida adulta e prejudicá-los lá na frente. Pode prejudicar no trabalho, na vida social e nos relacionamentos interpessoais.

Os pais ou responsáveis podem ajudar? De que forma?

Com certeza, os pais ou responsáveis e amigos podem ajudar notando que alguma coisa está errada. É um ponto de partida, e então ajudar de outras formas, conversando, tentando entender o que está acontecendo, oferecendo ajuda psicológica e dando suporte.

E os amigos? Como os jovens podem apoiar uns aos outros?

Os amigos podem sim ajudar. Eu vi muita coisa legal na pandemia, amigos fazendo chamadas de vídeos para conversar, por exemplo. A internet tem uma parte muito boa que é a de aproximar pessoas. Os amigos foram e são muito importantes nessa fase, já que com a família o jovem estava convivendo todos os dias. Com os amigos o jovem pôde manter uma parte social da vida só que de uma forma remota, através de chamadas de vídeos por exemplo.

Como está sendo a volta desses jovens para sua rotina normal, escola, faculdade, bares e encontros com os amigos?

Acredito que nesse ponto há uma divisão. Para aqueles jovens que continuaram vivendo normalmente durante a pandemia, o

que muda na volta são o retorno de festas e a volta para a faculdade ou escola. Já outros, aqueles que se isolaram por muito tempo, eles devem sentir mais receio, um medo e até mesmo perda da habilidade de se relacionar com outras pessoas, uma ansiedade em voltar ao normal. E existem aqueles que estão animados para a volta, estão felizes de voltar ao novo normal.

A senhora acredita que após os períodos mais difíceis, que após a pandemia, a visão sobre saúde mental deve melhorar?

Sem dúvida. A visão de todos pode e deve melhorar demais, porque além da pandemia e da doença em seus efeitos físicos, as pessoas foram muito afetadas mentalmente, psicologicamente. Houve muita procura [por tratamento], muitos casos. As pessoas precisam começar a ver a psicologia, a terapia, o nosso trabalho, como algo necessário, não como algo de “gente louca”. É preciso mostrar que a terapia causa melhora no físico e no mental das pessoas. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: EDUARDO AFFONSO

“Não sabia que iria chegar na ESPN”

O jornalista conta um pouco de sua carreira e ainda dá dicas a quem deseja seguir na profissão

REPÓRTER:
ANDRÉ MERICE

Eduardo Affonso começou sua carreira muito jovem. Com apenas 17 anos trabalhava como locutor na Rádio Brasil 2000. Essa primeira experiência o colocou como repórter na Rádio FM 90 e depois editor de esportes no jornal Periscópio. No final dos anos 90, ingressou na Rádio Difusora, de Osasco (SP), onde fazia um pouco de tudo, de reportagens a discotecagem de um programa de música sertaneja. Por lá, passou quatro anos e seguiu para a Rádio Bandeirantes AM, onde cobriu eventos importantíssimos, como a Copa das Confederações. Sua paixão sempre foi o rádio, mas decidiu por ter um novo desafio em sua vida, a televisão. Em 2007, aceitou o convite da ESPN e desde então atua como setorista do São Paulo.



Quando eu comecei, era muito diferente de hoje. Quando comecei, eu tinha uma meta na minha vida. Eu não sabia que iria chegar na ESPN ou na Rádio Bandeirantes, mas eu queria chegar em uma rádio grande, não tinha pretensões de trabalhar na TV. E na minha época, não tinha webrádio, webtv, blogs, sites, não tinha nada. Para você chegar em uma rádio grande você tinha que sair para o interior e tentar arrumar um espaço. Foi o que eu fiz - Itu, Osasco e fui indo. Hoje, você tem como mostrar o seu trabalho, acredito que essa era a principal dificuldade quando comecei.

Qual conselho você daria para um jovem que esteja ingressando no jornalismo? Primeiro, eu acredito que ele deve ser eclético. Você gosta muito de esportes, certo? Mas às vezes, essa

área pode estar lotada. O que você pode fazer? Tentar outro ramo, como política ou economia, por exemplo. Você tem que sempre procurar se destacar. Outras coisas básicas são a persistência e o estudo. Eu sei que a internet facilitou bastante no quesito informações, porém se é mais fácil, você tem que se dedicar mais ainda para que sua matéria seja melhor.

Falar abertamente que você é torcedor da Portuguesa te prejudicou em algum momento da sua carreira? Não, jamais me prejudicou. Talvez, pelo fato de ser a Portuguesa. Por ser um clube menor em relação aos demais da capital, embora a realidade passada fosse totalmente diferente de hoje. E assim, eu não sou contra o cara falar, isso vai de cada um. Eu falo porque é a Portuguesa também. Se fosse outro clube, teria

pensado melhor. E cuide das suas redes sociais, porque elas podem te prejudicar quando você se formar, porque vêm torcedores atrás por uma simples postagem antiga.

Quanto à sua atuação profissional atual, como é o dia a dia de um setorista?

Eu programo a minha vida de acordo com a vida do São Paulo. Por exemplo, quando eu quero folgar, eu sempre peço a minha folga no final de semana, quando é um jogo tranquilo no Morumbi. Eu nunca fico de fora dos clássicos. Em clássico, setorista tem que estar. E com relação ao repórter, é acompanhar ao máximo os treinamentos, seja dentro ou fora do CT, procurando sempre falar com todos para conseguir o máximo de informações possíveis. O setorista tem que estar sempre atento ao dia a dia do clube, no meu caso ao do São Paulo. E não se esquecer que, sempre que for passar uma informação, checala muito bem antes para minimizar o erro.

Como foi a transição da rádio para a TV? E quais as principais dificuldades?

Eu me sinto um aprendiz. Tenho uma experiência maior no rádio, por ter nascido praticamente escutando rádio. Mas, não me sinto muito atrás na televisão, estou sempre colaborando de alguma forma, para melhorar cada vez mais. E com relação às dificuldades, acredito que a velocidade da fala, no rádio é mais rápida e na televisão não, com a câmera eu não tenho tantos problemas. Eu sabia que teria que falar um tempo olhando para ela e depois poderia olhar para outros lugares, e no rádio

você tem que ser muito descritivo, diferente do que na televisão, que tem a imagem.

Como é trabalhar em três mídias diferentes, neste caso no rádio, TV e redes sociais?

Então, eu não trabalho em rede social. Eu trabalho para a ESPN. As redes sociais são consequências do meu trabalho. Eu não me sinto refém da rede social, seja ela Twitter ou Instagram. É uma forma de me comunicar, mas sempre mencionando a ESPN.

Com todas as suas experiências, qual o momento mais importante em sua carreira?

Tem vários momentos e com vários significados. A final da Copa do Mundo de 2010 entre Espanha x Holanda, o centésimo gol de Rogério Ceni, a final da Libertadores de 2005 entre São Paulo e Atlético Paranaense, entre outras. Mas assim, se você quer um momento importante profissionalmente, eu fico com a cobertura da Copa de 2010. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – De onde surgiu essa paixão pelo esporte?

EDUARDO AFFONSO – Então, eu fui criado ouvindo rádio esportivo com meu pai e também dentro da Portuguesa, muito por influência do meu avô, que era diretor do clube. O futebol sempre esteve presente em minha vida. Já fui aos estádios, acompanhei muitos jogos, principalmente da Lusa. E por estar tão próximo, me apeguei muito ao esporte.

Durante a sua carreira, você já passou por momentos complicados quanto à sua profissão?

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: FELIPE ANDRADE BLANCO

Ferramenta poderosa no mundo da bola

Estratégias de marketing atraem torcedores e patrocínios para fortalecer a saúde financeira dos clubes

REPÓRTER:
EDUARDO NAZARÉ

O marketing no futebol é de extrema importância para aumentar a renda dos clubes não só no Brasil, mas no mundo. Sua função é capitalizar os resultados dentro e fora de campo e transformá-los em vantagens comerciais. O marketing não interfere nos resultados dentro das quatro linhas, porém, é importante para atrair o torcedor ao estádio, gerar boas campanhas e angariar patrocínios. Os clubes de futebol possuem seus clientes fiéis, que são os torcedores, os quais, dificilmente, mudarão de marca. Porém, fazer essa fidelização gerar renda é o principal desafio. Para entender melhor o funcionamento do marketing dentro de um clube de futebol, o gerente de Marketing e Comunicação da Ferroviária S/A, Felipe Andrade Blanco, explica essa área.



Dentro de um clube o foco do marketing são os torcedores? Ou atrair empresas que podem oferecer um bom patrocínio?

As duas situações devem seguir juntas, porém, a capitalização de novos torcedores é mais trabalhosa, leva um tempo maior para ser formada. Se pegarmos a Ferroviária como exemplo, nós podemos atingir a cidade de Araraquara como um todo, as pessoas gostando ou não do clube, porém para expandir para fora da região é muito mais difícil. Agora, o patrocínio, às vezes, acaba sendo um caminho mais rápido. Se pegarmos um jogo contra um dos grandes paulistas, vão existir muitas empresas interessadas em expor sua marca, pois o alcance desta exposição é muito maior.

O clube sempre terá seus clientes, que são os próprios torcedores. Como o setor

de marketing capitaliza a paixão dos torcedores para impulsionar as campanhas de marketing?

Muitas pessoas dizem que o bom marketing no futebol é a bola na rede, porém, o objetivo é fazermos o torcedor se interessar pelo clube, independentemente do resultado dentro de campo. No Brasil, temos a cultura de que se você não é campeão nada está bom, portanto, a principal meta dos clubes deveria ser trabalhar o institucional, fazer com que o torcedor ame o clube e não apenas as vitórias do clube. A Ferroviária realiza um trabalho institucional muito forte. Para conseguir trazer bons patrocinadores, e até bons profissionais, é preciso ter um projeto sólido. É claro, que os patrocinadores querem estar nos times que estão ganhando, porém, quando eles têm interesse de entrar em um clube, procuram saber do projeto.

Outro fator, é que as marcas não querem associar-se a clubes que possuem uma imagem negativa, como por exemplo, um caso de corrupção, por isso a boa administração é de extrema importância. O marketing e a comunicação extraem o que há de mais positivo para poder expor.

Uma ação que a própria Ferroviária já utilizou é a do ingresso solidário, como por exemplo, trocar um ingresso por garrafas PET. Qual o impacto de uma ação como essa na conceitualização da imagem do clube?

Essa iniciativa dos ingressos trocados por garrafas PET possui dois lados: o ambiental, de recolher esse material reciclado e encaminhar para os locais corretos, e o social que, na minha visão, é o mais importante, porque estamos dando a oportunidade às pessoas que não possuem renda para ir aos jogos, ou para aquelas que não costumam frequentar os estádios por algum outro motivo. Talvez, as pessoas que foram captadas nessa ação passem por uma grande experiência e comecem a torcer pelo clube e frequentar outros jogos.

Sobre a camisa do clube, como é pensada a criação para cada temporada?

Eu participo da criação das camisas desde 2016, geralmente, eu tenho as ideias para criar e vamos ajustando para que o custo seja viável. Na Ferroviária, gostamos de intercalar os estilos a cada ano, trazendo camisas que agradam diferentes públicos. Em cima disso, é feito um estudo sobre a mensagem que queremos passar, camisas mais extravagantes ajudam no interesse do público

jovem pelo clube. Já as camisas mais clássicas, servem para o torcedor mais assíduo ter em sua coleção, ou até mesmo colocar na parede de sua casa.

Como o senhor vê a fidelização do sócio torcedor, enquanto estratégia de arrecadação financeira?

O sócio torcedor, é uma excelente estratégia para trazer o torcedor para o estádio, pois, com planos de baixo custo que temos na Ferroviária, ele terá direito a um ingresso por partida. Porém, para um clube do interior, mesmo com os preços baixos, principalmente durante a pandemia, o número de sócios não é tão expressivo. Com isso, podemos observar que o problema não está apenas no preço, mas também no número de adeptos do clube. Já em clubes maiores, que possuem torcidas gigantes, é uma ótima fonte de público e a terceira ou quarta maior renda, sendo a principal até hoje, os direitos de imagem. É uma renda fixa que o clube recebe por mês, que ajuda no planejamento financeiro. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA - De maneira geral, como funciona o marketing dentro de um clube de futebol?

FELIPE ANDRADE BLANCO - No marketing esportivo, principalmente no futebol, o que vendemos faz bem para as pessoas e traz um sentimento de amizade, compaixão, um sentimento de união entre as pessoas. Usando uma camisa do seu time do coração, você se sente parte de alguma coisa. Dificilmente, em outras áreas, é possível atingir um sentimento tão forte como é para o torcedor, ao ver seu time campeão.

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: SÍLVIO DA COSTA

Muitas lutas para conquistar um sonho

Silvão saiu de uma infância pobre, passou por vários clubes até chegar à Seleção Brasileira

REPÓRTER: ENZO PIRES

Silvão, nascido e criado em Niterói, conta como foi sua infância, seu primeiro contato com o futebol e relembra as dificuldades que teve para ingressar no esporte. Fala como foi chegar ao seu primeiro clube profissional, o Fluminense, sobre sua decisiva passagem pelo Bragantino, time que o promoveu em sua carreira e da emocionante história da convocação para a Seleção Brasileira principal. O ex-atleta também revela o time que mais ama e em qual gostaria de ter jogado, além de narrar sobre sua breve passagem pela Europa, o motivo que o fez jogar no Líbano. Para encerrar, relembra a difícil decisão de parar e conta que atualmente atua como auxiliar técnico em uma equipe não profissional de jogadores de base, em Miami.



a passagem de ônibus [para ir aos treinos]. Mas, tudo depois compensou, primeiro dinheiro que ganhei, comprei a casa deles. Tudo que posso fazer por eles, eu faço.

Seu primeiro clube foi o Fluminense; como você chegou lá?

Jogava em um clube de futsal do bairro, um olheiro me viu e mandou fazer uma peneira no campo. Mas, tive que sair do time, porque minhas notas caíram e minha mãe me tirou. Fiquei um ano parado, voltei de novo para o time de futsal da minha cidade e outro olheiro me pediu para fazer a peneira no Fluminense. Fui lá, joguei com mais de 100 moleques, e só “saiu” eu.

Depois do Fluminense, você foi para o Bragantino, time que conquistou o Paulista de 1990 e chegou à Seleção Brasileira. Qual a importância desse clube para você?

“O Bragantino me descortinou para o mundo do futebol e vou ser grato por toda vida. Lá, fui campeão paulista em 1991, o que deu o grande “bum” na minha carreira. A torcida me colocou como ídolo naquela época e, para a minha alegria, fui premiado no fim da temporada com a convocação para a Seleção.

Como foi ser convocado para a Seleção principal?

Estava na lista, mas não esperava. Bebeto teve uma briga e pediu dispensa da Seleção e o Falcão me convocou. Eu me lembro que meu primo me ligou e falou da dispensa do Bebeto e que eu poderia ser convocado. Lá pelas 23 horas, escuto a campanha tocar, quando fui ver era meu fisioterapeuta. Fiquei nervoso, não sabia o que tinha feito. Ele me assustou, falou que fiz coisa errada e me levou para a casa dele.

Quando cheguei lá, ele ligou para alguém e me mandou esperar. Dali a pouco e me deu um abraço dizendo que fui convocado. Comecei a chorar. Falei com o Falcão tremendo e sem acreditar. Só me dei conta que era verdade quando me apresentei no Beira-Rio.

Na sua carreira, você teve passagens por vários clubes. Qual clube você mais gostou de jogar? E qual gostaria de ter jogado?

Eu sempre serei grato ao Fluminense e ao Bragantino. O Fluminense me deu oportunidade de ser jogador e o Bragantino me mostrou para o futebol, me fez chegar à Seleção. Eu queria ter jogado no Fluminense de 2012, aquela época de Campeão Brasileiro e também queria ter jogado naquele time do Grêmio de 95.

Como foi sua experiência na Europa?

Fui para o Logrones, da Espanha. Foi uma passagem muito rápida, time muito desestruturado. Não me deu muita condição de trabalhar. Foi bom porque eu apareci no futebol europeu, jogando com grandes clubes. Ainda tive passagem pelo Sporting Braga, onde fui vice-campeão. No início, tive muita rejeição dos jogadores. Quase troquei socos com os caras para eles me respeitarem. Só no final que eles começaram a aceitar, mas já estava de saco cheio (sic) e pedi para voltar para o Brasil.

Por qual motivo você foi jogar no Líbano?

Fui por grana. Final de carreira, com 32 anos. Foi por esse motivo, mas acabei me apaixonando pelo clube e pelo país. Fui campeão de tudo, artilheiro da liga e

da copa, melhor jogador do campeonato. Então assim, os caras me têm lá como uma lenda, igual o Bragantino me tem aqui.

Quando você decidiu se aposentar? Foi um momento difícil?

Estava cansado já. Não aguentava mais palestra e concentração. Daí o Marcelo Veiga veio falar comigo e me convidou para voltar ao Bragantino. Eu fui e fiquei só um mês lá e parei. Então, foi tranquilo, eu estava me preparando, minha cabeça já estava voltada para o que fazia fora do futebol.

Depois de encerrar a carreira, o que você fez?

Terminei em 2005, fiquei um tempo focado em outras áreas, mas voltei para o futebol fazendo vários cursos de aperfeiçoamento e de treinador. Fui me preparando até chegar ao ponto de estar pronto. Daí apareceu a oportunidade aqui em Miami. Já morava aqui, daí o Sérgio Manoel, que trabalha comigo, me indicou e agora estamos aqui todos os dias, trabalhando, desde de 2017. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ALESSANDRO LO-BIANCO

De repórter investigativo às celebridades

Alessandro Lo-Bianco fala sobre sua trajetória e prêmios no jornalismo

REPÓRTER:
KLÉBER FERNANDEES

O colunista Alessandro Lo-Bianco, um dos mais premiados na área de jornalismo de celebridades, conta um pouco da sua trajetória antes de chegar à fama, os momentos mais desafiadores enfrentados no começo de sua carreira até os dias de hoje e falou sobre seu primeiro trabalho na área do jornalismo. Lo-Bianco compartilhou também as áreas em que atuou, começando com o jornalismo investigativo e relata como chegou ao programa "A Tarde é Sua", da apresentadora Sônia Abrão. Segundo o colunista, trabalhar com celebridades exige capacidade para superar desafios. Orgulhoso dos prêmios recebidos, o jornalista explica a importância desses reconhecimentos em sua vida.



Quais foram os desafios e obstáculos que você enfrentou no começo da sua carreira? O que você fez para superá-los?

Eu acho que no jornalismo o maior obstáculo é entrar no mercado de trabalho. Quando eu me formei no jornalismo, foi em uma época em que a internet não estava tão forte. Era uma coisa inovadora o jornal digital, e como eu não tinha prática foi muito difícil entrar no mercado. Depois eu pude perceber isso, comecei a escrever em blogs, juntei um grande material e em segundo momento fui em um grande jornal e apresentei para eles e deu super certo.

Qual foi o seu primeiro trabalho na área do jornalismo? Onde você já trabalhou e em que setores do jornalismo você já atuou? Minha primeira experiência foi na Editora Abril. E eu acabei atuando na Revista

Tititi, minha primeira redação, o "universo das celebridades". Mas, ao mesmo tempo, foi um caminho penoso, porque foi a minha primeira experiência de trabalho. Meu tempo de contrato com a Editora Abril encerrou, precisei procurar outro local e consegui um trabalho no jornal O Dia, na editoria de polícia.

Como foi para o colunismo de celebridades? Sempre quis trabalhar nessa área? Tem vontade de atuar em outro setor? Qual?

Minha primeira experiência foi na Revista Tititi, eu criei uma amizade muito grande na época com a Márcia Piozevan, que era editora chefe da Revista Tititi, e ela uma vez por semana divulgava a revista no programa da Sônia Abrão. Depois de três anos eu saí da Tititi e fiz 15 anos de jornalismo em outras editorias. Sim, eu tenho

vontade de voltar para os outros jornalismo, a gente às vezes ficamos com saudades de certas adrenalinas que tinha de quando éramos repórter

Atualmente você está no programa "A Tarde é Sua", da RedeTV? Como você chegou ao programa da Sônia Abrão?

Foi indicação da Márcia Piozevan, ela falou que Sônia precisava de uma pessoa para cobrir o Rio de Janeiro, e a princípio eu faria as notas e mandava por e-mail e a Sônia lia. Até que teve um dia que eu me enrolei com as notas e escrevi tudo errado, ela não entendeu nada mandou eu entrar no ar para explicar. Foi uma sucessão de acontecimentos que me colocaram na frente do vídeo.

Como é seu dia a dia no programa "A Tarde é Sua"? Como você planeja suas pautas, coberturas? Quais os principais desafios para atuar num programa diário de televisão ao vivo?

O nosso programa começa às 15 horas, mas às 6 horas da manhã começam as primeiras manchetes nos sites. O meu dia começa um dia antes. Eu vou dormir pensando no que eu vou fazer ou falar o que ninguém de manhã vai fazer ou falar. Ou se é um assunto muito quente que eu sei que vão falar de manhã. Então eu procuro saber que complemento eu posso fazer sobre esse assunto que todo mundo vai falar. Eu ligo para muita gente, falo com minhas fontes, com os artistas.

No ano de 2010 você recebeu um dos seus primeiros prêmios, Prêmio Melhores da Imprensa AIB Agosto de 2010, na categoria Revista de Celebridades. E recentemente você ganhou

um prêmio da TV Caras como melhor colunista de 2021. Como você avalia sua trajetória nesses 11 anos de carreira?

Eu avalio como muito positivo. Quando eu olho para trás eu vejo os prêmios que já ganhei, eu consigo sentir valor. E então, quando eu olho os meus prêmios, eu avalio que eu tive um reconhecimento, de um trabalho que foi reconhecido. E melhora sua autoestima para trabalhar.

Você tem onze livros publicados. Fale um pouco dessas obras e de onde vem tanta inspiração?

A inspiração para os meus livros vem do meu avô. Meu avô era escritor. Uma pessoa que sempre soube passar para o papel os seus sentimentos e talvez pelo fato dele não conseguir facilidade de comentar de forma falada os sentimentos, ele fazia questão de mostrar o que ele escrevia. Então eu cresci entendendo meu avô pelos livros dele. E isso me deu muita vontade de escrever também e meu primeiro livro foi trabalho da faculdade, trabalho de conclusão de curso (TCC). ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BIANCA SCHIAVON

É difícil ser mulher no cenário gamer

As mulheres são maioria nos jogos eletrônicos, mas machismo e preconceito ainda estão presentes

REPÓRTER: MARIA REIS

Bianca Schiavon ou Imbizita, como é conhecida por seus milhares de fãs, começou sua carreira na internet ainda muito cedo, com apenas 14 anos de idade, fazendo vlogs para o YouTube. Era uma brincadeira, mas não ficou apenas em vlogs. Aos poucos Imbizita expandiu sua atuação para o cenário gamer. Esse universo hoje em dia é majoritariamente feminino, mas isso não impede de que mulheres sofram preconceito. Por conta disso, as gamers acabam se escondendo atrás de nicks masculinos ou neutros e não usando o chat de voz para evitar comentários. E foi justamente por comentários maldosos que Bianca fez uma série do jogo Counter-Strike, onde ela respondia com uma dose de humor esses comentários.



pensado, eu já aproveitei que eu tinha um público e que eu podia ser eschachada, podia falar qualquer coisa, aí foi mais como se eu tivesse usando os games, meu estilo de vídeo de jogo era recorte de melhores momentos, algumas brincadeiras, então foi realmente aproveitar o espaço que eu já tinha.

Qual foi a maior dificuldade quando você começou no cenário de games?

Não tive problemas para começar a jogar. Eu comecei a jogar quando ganhei um Dynavision, quando eu era pequena; enfim acho que a mudança mesmo foi quando os jogos passaram a ter multiplayer. Enquanto single player, eu que já cheguei a ter alguns debates com pessoas próximas de mim na escola, eu via a galera trocando CD de PlayStation 2 e aí lá junto e já foi um choque eu estar nessa rodinha. Então, primeiro de tudo, a maior dificuldade foi a divergência por não acharem que eu podia. Depois problemas de verdade, que você chega

pensar: “Meu Deus não é possível que o ser humano aja dessa forma” mas foi só em multiplayer.

Como foi para sua família saber que a filha de 14 anos estava entrando nesse universo? Aceitaram bem? ou não?

Minha família sempre foi bem tranquila; o pessoal já estava acostumado comigo fazendo meus vídeos antigos. Eu estava na fase experimental de criação de vídeos, eles já sabiam o que eu fazia, mas minha mãe já não curtia muito e não assistia. Meu tio gostava, achava que era um conteúdo engraçado. Eu tive muito apoio de amigos, porque foi um momento em que todo mundo achou eschachado, achou a parte mais besta, aí amigo vai dando corda.

Quais as maiores dificuldades que você enfrentou para se profissionalizar nessa área?

Eu ainda acho que algum curso vai ajudar na questão audiovisual, mas eu já

aproveitei e para fazer fotografia que para vlog foi algo que me ajudou. De formação hoje eu tenho fotografia e estudo concept art que é mais para hobby e para ter mais um nicho para mim na internet.

Existe preconceito contra mulheres no mundo dos games?

É muito doido porque hoje a gente sabe que a comunidade gamer é dominada por mulheres - eu acho que são uns 80% - só que quanto mais a gente cresce, mais machuca o ego de alguns homens. Muitas vezes as mulheres acabam colocando um nick masculino ou um nome indefinido, não abre o microfone. Ainda tem muito preconceito e parece que é cada vez pior, mas felizmente já tem homens corrigindo outros homens que falaram algo errado.

Já usou nick masculino para evitar comentários de outros jogadores?

Nunca, sempre quis ser a Imbizita.

Já evitou jogar algum jogo em live ou gravar, porque sabia que iria ter pessoas te criticando?

Sim, eu dei uma desanimada do meu conteúdo um tempinho, depois que eu terminei meu relacionamento, porque o público se dividiu bruscamente e o público do meu ex namorado não aceitava meu conteúdo que já foi muito semelhante ao dele. Então quando eu decidi mudar o estilo dos meus vídeos para não continuar semelhante ao dele e não aceitaram mais ainda.

Você já deixou de usar o chat de voz alguma vez para não ter que escutar algum comentário chato?

Já, em vezes que eu estava ao vivo, sempre tentei cortar as pessoas que fazem comentários desnecessários.

Já teve que escutar algum comentário do tipo: “só pode ser um cara jogando, porque mulher não joga bem”?

Foi justamente por comentários assim que fiz uma série de CSGO, as pessoas não acreditavam que eu estava jogando.

As mulheres recebem menos dos patrocinadores do que os homens?

Essa não vou saber te responder, pois não tenho grandes patrocinadores, mas acho que sim por conta de como ainda é a nossa sociedade.

E na sua vida fora do jogo? Como era na escola, nas baladas? as pessoas te reconhecem? te discriminam ou te ajudam?

A primeira vez que fui reconhecida foi na escola que passei a ser mais reconhecida, fora da escola foram poucas vezes por eu ser muito nova na época e não sair muito. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JULIANA RANGEL

De Ribeirão Preto para Nova York

Juliana Rangel é credenciada como jornalista oficial do Brasil para cobrir a New York Fashion Week

REPÓRTER:
SUSANNA NAZAR

O mundo da moda, além de abrigar estilistas, modelos, designers, entre outros profissionais, inclui também os jornalistas. O Jornalismo de Moda é a área do Jornalismo em que os formados atuam como analistas, repórteres, editores de produções jornalísticas de moda como revistas, sites, blogs, programas de TV, etc. A jornalista Juliana Rangel, de 41 anos, escreve sobre moda. Além de ser idealizadora do site IFA - Interior Fashion Art, é credenciada para participar da New York Fashion Week, uma das maiores semanas de moda do mundo. Em entrevista, Juliana conta que para entrar nesse universo foi preciso muito afinco e estudo para vencer a concorrência.



presente nesse universo, a ter contato com estilistas, marcas. Tudo me fascinou. Isso aconteceu há cerca de oito anos.

A senhora passou por cursos especializados para se aprofundar sobre o assunto? Se sim, quais?

Sempre participei de muitos eventos, muitos workshops de moda, sempre li muito e estive atendida nas semanas de moda. Eu sempre busquei esse conteúdo, saber sobre os estilistas e comecei a frequentar as semanas de moda. Então, toda vez que eu ia para a SPFW, eu me inteirava mais da moda, fui me aprofundando. Esse contato com os profissionais da moda me fez entender também como funciona esse universo.

Sabe-se que a moda é um mercado de difícil acesso e muito concorrido. Para os jornalistas que atuam nessa área, a concorrência é a mesma?

Sim, para os jornalistas também. Para você conseguir cobrir uma

semana de moda, para conseguir estar nesse universo, você já tem que ter certo conceito jornalístico no mercado, tem que ter um nome e tudo mais. Eu entrei muito rápido nesse mercado, porque na época eu trabalhava no maior jornal do interior do estado de São Paulo, o jornal A Cidade. Então, eu segui tendo essa credibilidade no mercado, porque eu já tinha feito o meu nome, Juliana Rangel, no mercado da moda. Hoje eu tenho o site IFA, que a gente abastece com as principais tendências mundiais, com coberturas das semanas de moda.

Como a senhora conseguiu se tornar uma jornalista credenciada da New York Fashion Week?

Eu fui a primeira vez para Nova York em setembro de 2018 como convidada de algumas marcas, mas somente para assistir. Em fevereiro de 2019, voltei para a semana de moda e fiz mais contatos, consegui chegar até à organização do evento. Em setembro de

2019, eu voltei de novo para mais uma semana de moda e consegui o credenciamento como jornalista oficial do Brasil para cobrir a New York Fashion Week (NYFW). Isso é muito difícil de conseguir, porque a gente está falando de uma semana que reúne o mundo todo, está todo mundo de olho e jornalistas dos principais veículos de comunicação. Então, para mim, isso foi um marco muito importante na carreira. Com o credenciamento, eu tive muito mais acesso livre aos desfiles, aos backstages como jornalista liberada para transitar. Foi um momento muito importante na minha vida e que me abriu mais portas, no sentido dos contatos, para elaborar o meu projeto dentro da semana de moda, o IFA business, em que eu levo pessoas para experiências de negócios, respirando moda.

Das edições que a senhora participou da semana de moda em Nova York qual mais a agradou? Por quê?

A minha primeira. Foi muito emocionante, ficou marcada

na minha vida. Eu lembro que quando cheguei no Pier 59, lugar que acontece a NYFW e, inclusive, aparece nas gravações e é muito citado no filme Diabo Veste Prada, foi meu primeiro pé na semana de moda, fiquei muito emocionada, chorei muito... eu olhava tudo aquilo deslumbrada. Aquilo era o meu sonho, então, foi a semana que mais me marcou, foi a primeira, em setembro de 2018.

Como a imprensa é organizada em grandes eventos de moda?

Por mais que você tenha a credencial, tem que se identificar o tempo todo, tem o que pode ser feito e o que não pode. Os fotógrafos têm seu espaço certo dentro da sala de desfile, que é sempre a frente. Para os jornalistas, diferente da SPFW que você fica sempre em pé na parte de trás e, às vezes, têm marcas que não liberam sem convite, o jornalista credenciado tem um assento reservado para fazer a cobertura e assistir ao desfile, tem acesso ao coquetel também. São algumas coisas a mais, que nem sempre na SPFW é liberado. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ALFREDO DE LIMA

“O pior foi assinar as carteiras”

A maior dificuldade para Alfredo de Lima, dono de academias, na Covid-19, foi demitir funcionários

REPÓRTER:
VÍCTOR CORREA

As academias estão entre os setores mais afetados pela pandemia de Covid-19. Por incluírem atividades que envolvem a presença de público em locais fechados, seus administradores foram impedidos de mantê-las ativas durante os momentos mais críticos da crise sanitária. Pesquisas realizadas por SEBRAE e FGV, apontam que o faturamento do setor em maio de 2021 chegou a um declínio de 52%. Além dos prejuízos financeiros, os adeptos ao exercício físico tiveram defasagem em sua prática. Atualmente, com progresso em vacinações, o retorno é gradativo. O entrevistado, Alfredo Pinto de Lima, proprietário de uma rede de academias, em Ribeirão Preto, conta quais foram os desafios nesse período, relatando ainda sua trajetória e opiniões sobre o setor.



esporte. Então, fui fazer Educação Física. Costumo dizer a todos que sou um vencedor na minha área, porque ela é difícil. Consegui conquistar uma parte do mercado sendo proprietário da Atenas, de aulas de ginástica laboral, ergonomia. Passei por vários lugares que ajudaram na minha formação, como a APAE. Fiquei 14 anos dentro de um centro médico preventivo trabalhando só com grupos de risco. Tudo isso foi agregando à minha trajetória, e cheguei aqui hoje com mais de 30 anos de luta.

Sabemos do momento mais crítico da pandemia e o que ele causou. Dentro do que o senhor acompanhou, quais foram as estratégias que o meio utilizou para se manter firme durante esse tempo?

Particularmente, no começo da pandemia vendi um carro para saldar dívidas. O pessoal que estava aqui foi muito legal, fizemos acordos. Foi a estratégia em outras academias também.

Quais foram as inovações no ramo?

Hoje vejo que a atividade física não tem nem 10% do seu potencial explorado. Ela vai se reformulando. Antigamente havia só a musculação para o pessoal mais fitness, e hoje há tendências de atividades ao ar livre. Dá para ver muita gente correndo na rua, pedalando, praticando esportes de areia.

Emocionalmente, quais foram as maiores dificuldades que o senhor teve que superar durante esse período?

Do dia para noite, ter que rever 40 carteiras de trabalho, chamar os colaboradores que estavam comigo há 15, 20 anos, foi muito difícil. Eu vivo três lados: às vezes me contratam, presto serviços e sou proprietário de uma empresa. Eu senti que nessa hora de pegar as carteiras de trabalho, estava definindo a vida dessas pessoas, vinculadas há mim a mais de 20 anos, e que

teriam que buscar novos rumos. Criam-se laços, vínculos. Para mim, o pior foi assinar as carteiras. Mexeu muito comigo.

Durante a pandemia, foram criados vários mecanismos para a prática de atividade física, como aulas online ou em ambientes abertos, por exemplo. O senhor acredita que essa é a tendência para o futuro?

Tudo isso fez com que a gente se reinventasse. Acredito que daqui pra frente é um novo ponto de partida no mundo fitness, que está sempre se reinventando; mas a era digital representa um marco mais significativo.

O público retornou às aulas ou ainda há a impressão de que haverá evasão das academias?

Depende da faixa etária. As mães estão trazendo as crianças de volta, pessoas de média idade também estão retornando. O problema maior são os idosos, ainda com medo de se expor ao ambiente por tudo que aconteceu. As academias foram marginalizadas, embora sejam um centro de saúde. Esse é o objetivo principal, gerar saúde.

Quais os desafios de gerir os negócios e ao mesmo tempo orientar os praticantes durante as atividades esportivas?

Existe uma mudança comportamental em todos os sentidos, não sendo diferente na Educação Física. A geração mais nova busca facilidade e imediatismo. Existe um tempo para adquirir aprendizado, amadurecimento e formas de conduzir as situações para que os resultados sejam positivos.

Além das orientações práticas sobre os exercícios físicos, o treinador também se envolve e atua nos âmbitos emocionais e psicológicos de seus alunos?

Costumo dizer que a academia é um centro de terapia, em que se criam vínculos com os alunos, laços afetivos em que eles se abrem, contam seus problemas e necessidades. E o professor deve ter esse tato, para entender realmente as necessidades emocionais deles, dando benefícios até mesmo psicológicos através das atividades físicas.

Mudando o foco, qual é a importância da prática esportiva?

Educação e atividade física devem vir em primeiro lugar. Você consegue mudar o seu jeito de viver, melhorando qualidade de vida, humor, aparência física, emocional e relacionamentos. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: AMANDA NOVENTA

O dia a dia de uma digital influencer

Imagine se viajar pelo mundo fosse o seu trabalho. Nesta era de digital influencers, esse sonho é possível

REPÓRTER:
VITÓRIA NOVENTA

Na “era dos influenciadores digitais”, profissionais das redes sociais impactam centenas e até milhares de seguidores, todos os dias, com o seu estilo de vida, opiniões e hábitos.

Amanda Noventa é uma dessas profissionais e além de digital influencer, também é colunista do jornal O Estado de S. Paulo, youtuber, blogueira, escritora e mais recentemente também se tornou podcaster. Só no Instagram, ela acumula mais de 119 mil seguidores. Também tem mais de 45 mil inscritos em seu canal do Youtube que conta com mais de 2 milhões de visualizações.

Em todos esses meios de comunicação ela compartilha suas experiências, histórias de viagens, informações, curiosidades e dicas sobre diferentes culturas.



um emprego “chato”, com planilhas em um escritório e eu queria me conectar com o que eu gostava de fazer, que era trabalhar com comunicação. Foi aí que resolvi criar o blog.

Você sempre teve interesse em conhecer outras culturas?

Sim, sempre fui muito curiosa, sempre gostei muito de ler sobre outras culturas, outros países, também sempre tive o sonho de morar fora, fazer intercâmbio e com o tempo esse interesse só foi aumentando, tanto que mais tarde acabei realizando um sonho indo morar nos Estados Unidos.

Você conseguiu patrocinadores logo no começo? Preciso investir muito e por muito tempo antes de ter retorno?

Não me lembro ao certo quanto tempo demorou, mas é um processo que leva tempo, pois você precisa ter uma relevância, as marcas

precisam te conhecer e as pessoas precisam acreditar no seu trabalho. É um processo demorado

De todos os canais e mídias que você tem, quais têm mais retorno de público? e qual ou quais são mais trabalhosos para produzir?

A mídia que mais me dá retorno é o Instagram, acho que pelo fato de que atualmente é a maior rede social do mundo. O mais trabalhoso é o Youtube, devido à produção e edição dos vídeos que são mais complexos e levam mais tempo.

Você aborda e posta o mesmo assunto/pauta em todas as suas mídias? ou elas são direcionadas para públicos diferentes, por isso enfocam temas e pautas específicas a cada uma?

Inicialmente não havia uma ideia de nicho específico, eu falava de diversos assuntos, porém com o tempo percebi que minhas histórias de viagens e do meu tempo

morando no exterior, eram as que mais agradavam as pessoas, mais davam engajamento, então voltei meu conteúdo mais para este lado. E recentemente estou gravando um podcast que aborda assuntos comportamentais também, não apenas viagens

Você escreve uma coluna no Estadão, que é um objetivo de muitos jornalistas. Como você ingressou na redação desse jornal?

Eu comecei a trabalhar no Estadão como gerente de Marketing, porém eu também fazia interface com a redação do jornal na época, eu já escrevia para o meu blog, então um dia o diretor da redação leu o blog e veio me perguntar se eu não queria escrever para eles também.

Recentemente você começou a gravar um podcast. Poderia falar mais sobre ele e os assuntos que são abordados?

Eu produzo o podcast porque eu gosto bastante do formato, acho que é um maneira de me aproximar mais da minha audiência, o foco principal é comportamento, onde falo de diversos temas, desde um papo sobre não querer ter filhos até um entrevista com uma mulher que mora na Arábia Saudita, por exemplo.

Como você planeja suas viagens e experiências para postá-las nas suas mídias e obter esse bom retorno do público?

Cada viagem tem um objetivo e uma estratégia, isto vai depender muito de para qual canal de comunicação ela vai. Por exemplo, eu tenho viagens que são para ir para a minha série no Youtube: O Mundo Para Mulheres, que também vão para o Instagram. Tenho também as Dicas de Viagem que vão para o blog.

O bom é que tenho uma equipe que me auxilia em todo este planejamento.

O que você considera decisivo para alguém que quer entrar, atuar nesse mercado?

O mais importante é saber como você vai ganhar dinheiro. Atualmente, em 2021, existem muitas pessoas trabalhando com Internet e é ilusório você achar que vai ganhar dinheiro apenas com patrocínio, pois assim como disse, como muitas pessoas estão neste meio, não existe patrocinadores para todo mundo. Você tem que se organizar, tem que procurar algumas outras possibilidades, como produtos e serviços digitais e claro, publicidade.

Quais são suas próximas metas profissionais? e pessoais?

Minha meta agora é retornar aos projetos que eu estava fazendo em 2019, principalmente minha série do Youtube: O Mundo Para Mulheres. Também estou com viagens marcadas para Egito, Patagônia (Argentina), Turquia e Jordânia. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Amanda, você não é formada em Comunicação, mas trabalha na área. Como isso aconteceu?

AMANDA NOVENTA – Meu sonho de infância sempre foi trabalhar com jornalismo e comunicação no geral, porém por motivos familiares acabei cursando Engenharia Agrônoma, mais tarde fui morar nos Estados Unidos e comecei a fazer colaboração com o jornal local da cidade e foi aí que tudo começou, acabei me apaixonando pela área.

E o blog Amanda Viaja? Como surgiu?

O blog surgiu em 2013. Eu estava trabalhando em

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: DANILO TEORO

A música como instrumento de união

Projetos musicais coletivos mantiveram a sanidade e o sustendo de músicos de Ribeirão Preto

REPÓRTER:
YAN VICTOR

A Covid-19 e os consequentes esforços para contê-la afetaram diversos profissionais, muitos impedidos completamente de trabalhar. Um exemplo disso são músicos que performavam ao vivo. Suas apresentações, antes em bares e eventos, se tornaram online, uma forma de se adaptar e sobreviver. Esse é o caso de Danilo Teoro, vocalista da banda Late In The Day e autor de um álbum solo lançado em novembro. No cenário da música regional, Teoro é cofundador do festival Pé Na Porta Ribeirão, agendando diversos artistas em prol de causas beneficentes. Ele também participou e coorganizou projetos para dar visibilidade e suporte à classe durante o lockdown, o chamado Live In Casa, que ocorreu do começo da pandemia até meados de novembro de 2020.



MURAL ENTREVISTA – Quando começou a pandemia, em março de 2020, e todos os bares e eventos foram fechados, você teve um plano de ação imediato?

Danilo Teoro – Teve uma reação meio que imediata e em grupo. Nós tínhamos um grupo de WhatsApp formado por músicos para trocarmos datas e oferecer informação. E eu lembro que no dia 18 de março começaram a cancelar as datas. Naquela quinta-feira, o músico Beto Leonetti, que perdeu a data, resolveu fazer uma live e um chapéu virtual para o pessoal ajudar. Na segunda-

feira seguinte nós vimos a possibilidade de fazer algo online e nos unimos. Me ofereci para organizar e todos se apresentaram em horários diferentes. E aí eu dei o nome de Live In Casa e me responsabilizei pela agenda. Isso aconteceu naturalmente. Nós temos relatos de pessoas que conseguiram pagar uma conta de luz graças ao chapéu virtual.

E você chegou a passar necessidade? Ou conhece alguém da área musical que passou?

Eu ouvi relatos de músicos dizendo que estavam passando fome mesmo, não só músicos, mas artistas em geral. Dentro do Live In Casa, a gente tinha relatos que não necessariamente faziam parte do grupo, mas que são da cidade, e estavam tendo que fazer faxina para se sustentar. Teve pessoas que recorreram ao Uber, por exemplo.

Qual foi o legado do Live In Casa?

Eu já ouvi muitos relatos que o Live In Casa foi responsável por manter a sanidade de muita gente ali, não só do público, mas também dos artistas. Só a perspectiva de fazer e ter alguma coisa na semana que vem para fazer. A coletividade musical da cidade foi algo muito bonito que ajudou a deixar o pessoal com um estado emocional mais lúdico e são.

Em setembro de 2020 foi aprovada a Lei Aldir Blanc para dar um auxílio financeiro ao setor cultural. Ela ajudou?

Ajudou demais, mas é uma pena que muita gente, por não ter tanto conhecimento de como se inscrever, perdeu essa oportunidade. A gente não tinha muita experiência. Eu nunca tinha me inscrito em um edital. Então eu fiquei meio assustado no início, mas teve gente que ajudou e se dispôs a fazer

reuniões online. Alguns poucos ganharam o recurso da Aldir Blanc, eu incluso. Foi então que resolveram aplicar para esse ano, só que agora, infelizmente, é uma quantidade menor de dinheiro para uma quantidade maior de pessoas. Imagino que vai acabar ficando gente de fora. Pena que ela demorou para ser regularizada, foram longos meses de angústia e ansiedade.

Quando você começou a voltar a fazer apresentações ao vivo, como era a atmosfera do ambiente? Você sentiu receio das pessoas?

Tinha um receio meu principalmente. Quando os bares voltaram ali em setembro eu ainda resisti. Fui um dos músicos que resolveu ficar em casa por um tempo ainda, por medo. Não é todo bar que tem um espaço aberto, então eu preferi segurar um pouco. Fui até onde eu aguentei por conta de finanças. Mas chegou um momento que não dava mais para não fazer, eu fui do discurso do fica em casa por muito tempo, até quando eu aguentei. Eu precisava estar ali, mas na verdade não queria ainda. Eu acho que ainda não era o momento, mas tinha que ganhar alguma coisa para ajudar a pagar as contas.

Você chegou a cogitar parar sua carreira como músico?

Já chegou a passar pela minha cabeça fazer isso, porque quando começou a pandemia a gente achava que aquilo ia ser um negócio de dois meses. A esperança era que aquilo servisse para fazer a gente repensar algumas coisas. Mas, a desvalorização do artista continua, muitos lugares ainda dão a desculpa de pouca lotação para diminuir

o cachê dos músicos, apesar de você passar em frente e ver lotado. Está tudo subindo e a gente não consegue, muitas vezes, se fazer valorizar e subir o cachê também. Mas, por enquanto eu ainda não consigo fazer isso, ainda existe um amor pela música que me faz continuar. Não é nem a questão financeira, eu sempre fui uma pessoa musical, então não consigo me imaginar sem isso ainda.

Hoje que sua agenda já está mais regular, você acha que a situação está melhorando ou nós estamos só deixando de nos importar?

Eu acho que os dois. A galera deixou de se importar há muito tempo. Mas eu acho que está melhorando, com as vacinas e as segundas doses. Eu já tomei a segunda dose, mas tem hora que eu não me sinto seguro. Não acho que vou conseguir ir a uma balada cheia de gente. Não me vejo indo a um Rock in Rio da vida, me misturar com aquele tanto de gente e me sentir seguro. Acho que a pandemia causou esse tipo de trauma. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MARIA LUCINÉIA

Muita emoção nas unidades de saúde

Profissionais das UBS lidam com alegrias e tristezas na vacinação contra a Covid-19 e têm orgulho desse trabalho

REPÓRTER:
LUCIMARA SATURNINO

Maria Lucineia Oliveira de Andrade, 43 anos, trabalha há quatro anos aplicando vacinas como técnica de enfermagem e atualmente é enfermeira na USF (Unidade de Saúde da Família) do bairro Jardim Marchesi comandando a aplicação de vacinas de Covid-19. Como enfermeira na rede pública do bairro periférico de Ribeirão Preto-SP, atua na linha de frente contra o Covid-19, organizando o funcionamento do setor e também aplicando vacinas juntamente com os técnicos de enfermagem para completar o quadro de funcionários nessa função, atendendo à grande demanda nessa luta contra o coronavírus.



Foto: Lucimara Saturnino

saúde e foi uma alegria muito grande por estarmos iniciando um processo longo de imunização contra essa doença. Essa colega de trabalho expressou uma reação de muita felicidade.

Como tem sido o comportamento da população em geral que está sendo vacinada. Tem algum comportamento que te marcou?

Eu vivencio situações de pacientes que ficam muito nervosos, por medo da vacina ou por muita alegria por estar sendo imunizado.

Tem alguma situação inusitada que te marcou por ter sido engraçada?

Sim, eu acho muito engraçado, pois sempre me perguntam se pode consumir bebida alcoólica, principalmente os que se vacinam aos finais de semana.

E tem algo que marcou por ter sido triste?

Ah! Eu me lembro de uma situação que foi de uma paciente imunossuprimida, que está tratando um câncer de mama. E ela ficou muito, muito feliz em poder receber a vacina. Ela expressou uma fé grande na cura do câncer

e eu me lembro até mesmo da fisionomia dessa paciente. Foi uma situação que me marcou muito.

Como é o dia a dia de trabalho de vacinação aqui na unidade? Tem um padrão municipal ou vocês podem tomar medidas específicas e exclusivas daqui?

Aqui na Unidade nós montamos um espaço que fica exclusivamente para a aplicação da vacina do Covid-19, separando-as das vacinas de rotina para diminuir a incidência de confusão. Diariamente, pela manhã, nós recebemos uma orientação única com relação às aplicações, assim como em todas as unidades de saúde de Ribeirão, que vem da Vigilância Epidemiológica e é o que a gente segue.

Ao recebermos as vacinas, fazemos a conferência pelo sistema chamado Vacivida onde também é feito o registro das doses recebidas. E nesse mesmo sistema temos acesso ao relatório no final do dia. E quando ocorrem dúvidas, recorremos à Vigilância Epidemiológica, pertencente a esse distrito que nos dá respaldo. Cada dia é recebido um tipo de vacina na unidade

e a orientação seguida por nós é em cima da orientação recebida no dia.

O que você acha que mais mudou na rotina de aplicação de vacinas na unidade quando começou a campanha?

Aumentou muito o fluxo e a rotina da vacinação. Ao final do dia é feita a conferência das doses que foram aplicadas pelas técnicas de enfermagem da sala, além do fechamento do relatório de devolução das vacinas para a Vigilância Epidemiológica. A solicitação de insumos também aumentou. É uma responsabilidade a mais para os profissionais que atuam na sala de vacina.

Foi necessário contratar mais funcionários para atuar nessa campanha?

Foi necessário montarmos uma força tarefa contando com a ajuda de todos os funcionários, principalmente no dia de campanha semanal exclusiva da Covid-19, agentes comunitários de saúde, dentistas, auxiliares administrativos, auxiliares de dentista, gerente da unidade, médicos, enfermagem. Todos, nesse dia, ficam focados em atender a população que vem se vacinar. Desde a porta de entrada na organização do fluxo como na digitação no Vacivida. São organizadas salas a mais e na aplicação ficam profissionais da enfermagem. Com a ajuda de todos estamos conseguindo seguir na vacinação.

Que horas começa a vacinação na sua unidade e quais vacinas estão sendo mais aplicadas?

Geralmente às 08:00 horas da manhã. Quem decide qual vacina a pessoa vai receber organizando por faixa etária é a Vigilância Epidemiológica, por isso a pessoa não tem direito a escolher. Recebemos na unidade a Corona Vac, Astrazeneca, Pfizer,

Janssen. Ultimamente estamos recebendo mais vezes a Pfizer.

Quantas vacinas foram aplicadas nessa unidade desde o começo da campanha de vacinação?

Até o momento temos orgulho de ter vacinado mais de 25.000 pessoas só aqui na nossa unidade.

Como você vê o controle dessa pandemia após a vacinação em massa da população brasileira e mundial?

Eu sou muito otimista, acho que depois de termos vivenciado muitas mortes, estamos vendo a evolução com a aplicação das vacinas. Com toda a população vacinada essa pandemia vai ficar no passado

Tem algo que você quer dizer para a equipe que trabalha com você no combate à pandemia através das vacinas?

Eu gostaria de agradecer meus colegas de trabalho, pois a gente sabe que uma andorinha só não faz verão, um precisa do outro. E de muito amor, muita empatia para que continuemos a fazer o melhor para as pessoas, nossos semelhantes. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA - Como você e seus colegas que atuam na campanha de vacinação contra Covid-19 se sentem por estarem na linha de frente do controle à pandemia?

MARIA LUCINÉIA - A gente sente uma satisfação muito grande, porque a cada vacina que a gente aplica a gente sabe que estamos tentando diminuir essa pandemia. É muito satisfatório e no meu caso já fiz várias aplicações, mas cada aplicação tem um significado, tem um valor. A gente está trabalhando em cima disso, em vacinar toda a população para pôr definitivamente um fim nessa pandemia. É um orgulho muito grande. Eu particularmente me sinto realizada nesta profissão em poder ajudar.

Você se lembra qual foi a reação da primeira pessoa que você vacinou?

Na unidade, os primeiros vacinados foram os profissionais da área da

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ADRIANO CERATO

Problemas velhos em um cenário jovem

Wood7, um dos nomes mais experientes no e-sports, fala sobre um futuro melhor

REPÓRTER:
BRUNO DAL AVA

Adriano "Wood7" Cerato, 26 anos, jogador profissional de Counter-Strike: Global Offensive, concede entrevista exclusiva para o MURAL ENTREVISTA, debatendo sobre os problemas que envolvem o cenário profissional sul-americano. O experiente aóper e jogador da MIBR, tenta trazer soluções e idéias, para contribuir por um cenário promissor. Com um público jovem, mas com problemas antigos, relacionado a questões econômicas, políticas, sociais, familiares e psicológicas, o Brasil, desperdiça seus talentos pela falta de apoio.



Quando você viu que o CS podia projetar um futuro para sua carreira?

Então, é até louco de pensar, porque eu voltei a jogar em 2016 e em 2017 ainda era bem amador. Meu time já tinha alcançado a Liga Pro e ainda não tinha remuneração alguma, até conversando com alguns jogadores hoje, eram pouquíssimos os times que recebiam algo, e ainda era algo bem inexpressivo. Em 2018 assinei com minha primeira organização profissional e já éramos um dos melhores times do Brasil. Ainda sim o salário era metade de um salário mínimo. Acabei parando por problemas familiares. Cursava faculdade de Engenharia Civil, trabalhava de manhã e à tarde, estudava à noite e treinava de madrugada, então, para os meus pais, não fazia sentido eu cursar engenharia se eu queria ser jogador profissional.

Após começar a competir mesmo, como foi conciliar estudos e o jogo?

Na verdade acabou sendo mais fácil do que eu imaginava, porque em 2018 eu terminei a faculdade, sou formado em Engenharia Civil, mas o grande ponto foi em

2019, quando assinei com a RED Canids, comecei a morar com a minha noiva em Porto Alegre e ela fazia estágio, foi a primeira vez que eu pude me concentrar de verdade no jogo, treinar o dia inteiro, digamos que foi meu "start" profissional.

Vejo que sua mãe sempre é muito engajada com você nas redes sociais, mas muitos jovens até hoje sofrem com a falta de apoio dos pais. Como foi com você quando decidiu se profissionalizar nessa área?

A preocupação dos pais é normal, todo pai que ama o filho, se preocupa com o futuro dele, e a preocupação dos meus pais era justamente essa. Eu já não era mais um garoto de 16, 18 anos, já tinha passado a marca dos 20, 21 anos, e eles tinham medo daquilo não ter futuro algum. A virada de chave foi quando eles viram cair um salário um pouco mais significativo e a minha felicidade por estar fazendo aquilo. Mesmo assim ainda foi complicado, meu pai é mais durão; minha mãe desde a época da RED Canids já era mais engajada nas redes sociais. Creio que o apoio vem com o tempo e as coisas dando certo.

O financeiro ainda é um grande problema hoje nos e-Sports no Brasil. As organizações dificilmente conseguem segurar seus melhores jogadores no país. Isso atrapalha o desenvolvimento do cenário ou o retorno financeiro é o suficiente?

Não é o suficiente. Eu comparo bastante com o futebol, é bem difícil o futebol brasileiro competir com o europeu, por causa da diferença de investimento. Apesar de aqui ter evoluído, lá também evoluiu, existe um investimento maior, organizações remuneradas, apoio para os jogadores, mas o Brasil é subdesenvolvido em quase tudo. Eu vejo que uma grande melhora para o cenário seria se os times brasileiros que já estão no topo, voltassem a competir no Brasil, paiN, FURIA, MIBR, trariam vagas, todo o cenário cresceria em conjunto.

O Brasil é uma potência no CS, tanto em títulos quanto em revelar jogadores. Mesmo assim, ainda, falta apoio no cenário de e-Sports. O que falta para haver mais investimentos, tanto público, quanto privados?

É algo que foge um pouco da minha alçada responder, nunca parei pra pensar nisso, mas em questão de iniciativa privada, como as organizações, tem de vir muito da paixão pelo jogo, afinal, talvez com a desenvolvedora do jogo focando mais no desenvolvimento com certeza trariam grandes organizações de volta ao jogo. E sobre o governo, recentemente eles queriam regulamentar os jogos, com isso poderia haver oportunidade de tirar dinheiro e dariam mais atenção, mas não seria benéfico para nós. Hoje é fácil empresas fazerem os campeonatos; e com o governo em cima, talvez não seja tão livre.

Você é favorável ao apoio governamental ou acredita que as equipes e jogadores deveriam batalhar por patrocínios da iniciativa privada?

É uma troca mútua. Os jogadores devem dar seu máximo em cada jogo, cada dia fazer valer cada real investido neles, isso seja privado ou seja governamental. E as iniciativas devem trazer o investimento merecido para esses jogadores, seja esse investimento privado ou governamental. O valor tem de vir dos dois lados.

Para você, qual a maior dificuldade hoje para alguém conseguir ser jogador profissional de CS no Brasil?

É mais de uma dificuldade, mas, para mim, a primeira é familiar. A segunda é financeira. O CS é um jogo elitizado, você precisa de todo um equipamento muito bom, isso demanda um investimento muito alto; é um jogo de alta performance. E o terceiro ponto é em relação às vagas. Tem muito time bom e pouca vaga. Então sempre os mesmos vão e assim muitos jogadores promissores desistem do sonho e acabam parando de jogar. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ANA KELIA

Covid-19 faz mundo da moda se reinventar

Consumidores querem conforto e qualidade no lugar da sofisticação e luxo

REPÓRTER:

ANA LAURA BARROS

Ana Kelia é formada em moda pelo Centro Universitário Moura Lacerda, é especialista em Moda, Produto e Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestre em Educação pelo Centro Moura Lacerda. Há sete anos dá aulas na área de moda e já trabalhou com confecções, roupas, desenhos, modelagem e empreendedorismo. E atualmente é docente do curso de Moda na mesma instituição onde se formou.



MURAL ENTREVISTA – Ana Kelia, quais foram prejuízos econômicos que o mercado da moda sofreu durante o ano de 2020?

ANA KEILA – Os maiores prejuízos que a área da moda teve na pandemia de 2020 foram na produção, que teve que ser parada por um determinado tempo, a questão da matéria prima, o comércio que acabou diminuindo por conta que as pessoas estavam trabalhando home office. Houve uma adequação de estilo de roupa, roupas confortáveis para ficar em casa, que foram mais vendidas, ou seja, uma adequação de roupas e materiais.

E o mercado de trabalho de moda, como se portou? Houve demissões? A senhora pode citar números?

As demissões não vou saber te informar porque estou mais na área acadêmica,

eu não trabalho nem no comércio e nem na indústria, mas posso falar de acordo com o que eu trabalhei com minhas alunas no estágio. Não ocorreram demissões, porém houve uma adequação no tipo de trabalho, como vendedoras de loja que passaram a trabalhar pelo whatsapp.

Aqui no interior, mais especificamente na região de Ribeirão Preto, como esse mercado se comportou?

As lojas tiveram que se adequar à nova forma de oferta, elas passaram a trabalhar muito por e commerce, trabalhando tanto para ajudar a subir produtos em plataformas e sites, tirando fotos, alimentando, fazendo atendimentos personalizados, lives em rede social.. E na questão da moda festa,- que também é presente em Ribeirão Preto - não houve demissões, houve uma diminuição

na produção . Não houve grandes prejuízos, mas os pedidos diminuíram .

Houve crescimento em algum nicho?

O nicho que cresceu foram das roupas esportivas porque as pessoas passaram a fazer mais atividade física e pensaram mais em cuidar da saúde; roupas mais confortáveis para ficar em casa, as lingerie, pijamas e as confecções de máscaras e também a questão de ecommerce que também cresceu. As pessoas tiveram interesse de se profissionalizar mais dentro dessa área e também produzir editorial de moda para fazer catálogos e ofertar as vendas.

O mundo da moda é só sobre roupas ou vai muito além disso?

O mundo da moda vai muito além . Ela fala de personalidade , identificação, nos vestimos de determinada forma

com que queremos mostrar para a sociedade, de acordo com os nossos ideais, gostos, aquilo que os nossos valores mostram. É o comportamento social, psicologia, ou seja, a área da moda é muito mais ampla do que somente produção e venda de roupa, até porque se fosse isso não seria um mercado tão amplo e competitivo.

Os estilistas de grandes marcas tiveram que inovar/modificar suas peças?

As grandes marcas tiveram que se adequar às mudanças que estavam acontecendo na sociedade. As grandes marcas começaram a produzir roupas que combinassem com as máscaras, máscaras de luxo, personalizadas, e as produções que tiveram um pausa para se realinhar. E cada marca tem seu estilo, sua personalidade.

Como o setor de moda se relaciona com as questões ambientais? Quais são as preocupações e contribuições?

O setor da moda está sempre se questionando nas questões ambientais, pois uma das áreas que mais polui. Temos várias marcas que se preocupam em fazer um produto sustentável . A cadeia de moda polui e tem se preocupado com as formas de produção que se tem.

Entre os vários setores da moda, quais perderam mais e quais não perderam ou perderam menos?

O setor que foi prejudicado foi a moda festa porque não foram fechados novos contratos, houve uma pausa. A moda de luxo

por questão de viagens, de compromissos formais. E os que menos perderam foram a moda esportiva, lingerie, decoração (casa).

Houve inovações na moda durante a pandemia?

A maior inovação que se teve no momento durante a pandemia foram os desfiles de moda , muitas marcas passaram a fazer seus desfiles como lives em tempo real e as marcas passaram a trabalhar mais nas suas redes sociais, poiso público estava migrando fortemente, em busca dos looks.

A Covid-19 influenciou e está influenciando o design de moda? de que forma?

A questão da Covid está influenciando na moda. . As pessoas estão buscando produtos com maior qualidade, para durar mais, ou seja, diminuindo o volume de compra e aumentando a compra de produtos com mais durabilidade. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: GABRIEL SILVA

Gabriel Silva, cria e joia do Palmeiras

Jogador da base, começou no Comercial, e já foi convocado para a Seleção Brasileira Sub-17

REPÓRTER:
ARTHUR SANTOS

O ribeirão-pretano Gabriel Silva nascido em 22 de março de 2002 chegou ao Palmeiras em 2015 com 13 anos, e de lá para cá soma títulos, entre eles: o Campeonato Paulista sub-15 (artilheiro), sub - 17 (artilheiro), sub - 20, Copa Votorantim, Mundial de Clubes sub - 17, sendo destaque em todos esses. Com esses resultados, foi convocado frequentemente para as categorias de base da Seleção Brasileira. No alvi-verde, Gabriel é tratado como uma das joias, junto com outras crias da academia. Ele está entre os três jogadores que mais marcaram em um único campeonato paulista pelo Verdão, atrás apenas de Gabriel Jesus e Fabrício. O atacante também foi artilheiro do campeonato paulista sub-20, com apenas 17 anos. E agora em 2021 chegou ao profissional e fez o seu primeiro gol no clássico diante do Corinthians. Atualmente, joga pela equipe sub - 20 e integra o elenco profissional em algumas oportunidades para ganhar experiência.



outros clubes se abriram. O Palmeiras viu em mim um potencial que eles acreditavam que seria ideal para o clube e me escolheu. Antes já tinha feito teste no Cruzeiro e no Athletico Paranaense.

Você chegou ao clube através de algum teste? Como foi que o clube te escolheu?

Eu fiz um bom campeonato paulista na categoria de 13 anos e o Palmeiras me contratou. Inclusive, tive a oportunidade de jogar contra o Palmeiras e fazer dois bons jogos. Acredito que ali foi o motivo de eu ter sido escolhido.

Assim que chegou, por ser muito jovem, quais foram os cuidados que o Palmeiras teve com você?

O clube sempre me deu todo o suporte que eu precisei, desde alojamento até a

alimentação; a estrutura de lá é muito boa e ajudou bastante no meu desempenho dentro de campo.

Ainda na questão de ser muito novo. No início, teve dificuldade de adaptação ao clube e também de ficar longe de casa?

Não tive dificuldade de ficar longe de casa porque ao chegar no clube, eles me receberam muito bem e isso me ajudou muito a focar apenas no clube; e também por eu estar sempre vindo visitar minha família nas minhas folgas e fins de semana sem jogos.

Você já viveu momentos de dificuldades? Já teve vontade de abandonar o futebol?

Graças a Deus, minha adaptação foi muito rápida, e por isso nunca tive vontade de largar o futebol. O futebol é algo que eu gosto muito e quero levar pra toda vida.

A Copa Votorantim foi um marco pra você, correto? Qual foi a sensação de ver que seu nome começou a ser reconhecido pela torcida?

A Copa Votorantim, foi a que abriu as portas para mim, para o meu nome ser reconhecido. De lá pra cá, venho conquistando várias coisas, tanto na parte coletiva como individual e fico muito feliz com isso. E também pela torcida ter o reconhecimento do meu nome.

Em pouco tempo veio a primeira convocação para a Seleção Brasileira. Você esperava mesmo tão jovem ter esse reconhecimento pelo seu trabalho?

Sim, eu esperava ser convocado pela Seleção Brasileira pelo bom ano que vinha fazendo com a camisa do Palmeiras, e agradeço a seleção por ter reconhecido o meu trabalho. Foi uma realização muito grande estar na convocação.

Depois dessa primeira convocação, você continuou tendo bons números pelo Palmeiras que o levaram até ao sub-20, com 17 anos. Com três anos de diferença, você sentiu dificuldade em se adaptar ao estilo de jogo?

Não demorei a me adaptar ao estilo de jogo deles pelo fato de a filosofia de jogo do clube ser igual para todas categorias. Mesmo com 17 anos, me sinto satisfeito pelos bons números que tive na equipe sub-20.

No começo da temporada você chegou a jogar o Campeonato Paulista pela equipe profissional. Gostaria que você falasse algo sobre essa experiência. Na sua avaliação, você se saiu bem?

Quando eu cheguei no profissional, a única dificuldade que eu tive foi em relação à experiência, porque a maioria já tinha muito tempo de futebol. Tirando isso, acredito que foi tudo tranquilo e consegui desempenhar bem meu futebol. A recepção que tive dos outros jogadores foi muito boa.

Para finalizar, você estava no elenco que venceu o Campeonato Paulista, quebrando jejum, a Libertadores e a Copa do Brasil. Qual título foi o mais especial pra você e por quê?

Ganhar esses três títulos pelo Palmeiras me deixou muito feliz, foi uma sensação única. Eu sinto que muitos garotos queriam ter esse privilégio e graças a Deus eu tive e pude desfrutar muito dos três. Desses três, o que eu mais gostei de vencer foi a Libertadores, pela forma que foi e também por ter sido em um clássico. Acredito que foi uma experiência única e marcante para mim. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA - Antes de chegar à base do Palmeiras, já treinava em alguma escolinha ou passou por algum outro clube?

Gabriel Silva - Eu treinava na escolinha do Comercial. E foi ali que tudo começou, onde as portas pra ir pra

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: FERNANDA MARX

“A gente não é diferente de ninguém”

Cantora e jornalista, Fernanda Marx revela sua vivência e opinião sobre o racismo no Brasil

REPÓRTER:
MATHEUS HENRIQUE

Formada em 2006, Fernanda Marx se divide entre suas duas paixões: o jornalismo e a música. Tirou inspiração do avô, Sebastião, que a cercava de histórias e além de ler muitos livros para a neta, também assinava jornais. Ainda em casa, tinha a família ligada à música, com os irmãos tocando em bandas e a tia, professora de piano. Já participava, desde os 13 anos como, cantora da Companhia Brasileira de Ópera de Repertório, a Cia. Minaz, de Ribeirão Preto, onde atua até hoje, agora também na assessoria de empresa, na qual é especializada. Iniciou em 2012 a carreira solo de cantora, estreando o show Flor de Café. Durante a carreira, lançou também os shows Use Dorival Caymmi, Refazendo Gonzaguinha, Baile da Nega, Marx canta Jackson e Brasilidades. Possui um disco solo, o INNOVE, interpretando nove músicas, lançado em 2017.

MURAL ENTREVISTA – O que aconteceu para você seguir a música mesmo com formação em jornalismo?
FERNANDA MARX – Eu tinha uma impressão muito errada de que quem faz música tem a vida cheia de limites. Eu falava: “eu não quero ser cantora porque cantora não pode ir na festa, não pode dormir tarde, não pode tomar gelado...”. Apesar de já cantar no Minaz (Cia. Minaz), eu falava que não queria isso para o resto da minha vida. Mas, as pessoas



Foto: Sté Frateschi

começaram a me convidar para fazer participações. Em 2011, fui convidada para integrar uma banda de blues como backing vocal e comecei a gostar daquele mundo. Em 2012, assistindo a um espetáculo de um amigo, falei que começaria a minha carreira solo. Comecei a juntar banda, equipe e organizar o show. Ficamos seis meses para lançar o “Flor de Café”, meu primeiro show. Quando soltamos os ingressos no primeiro, segundo dia, esgotaram. E foi muito bacana, no primeiro show casa lotada. E depois disso fui criando outros projetos.

Quais as maiores dificuldades que enfrentou para entrar no mercado atuando como cantora e jornalista?

A música é um meio muito masculino e escutei, por exemplo, que era “filhinha de papai”; que ia fazer esse show e não faria mais nada. Pessoas chegaram a se negar a cantar comigo. Já tiraram sarro de como eu segurava o microfone para ver se me intimidava. Mas eu sou casca grossa. Ter uma mulher liderando é algo que incomoda demais. E ter uma mulher preta dando ordem, aí é pior. Aconteceram essas coisas, tanto no jornalismo, quanto na música.

E na Universidade? Você se sentiu discriminada? Quantos negros havia na sua turma?

Na minha sala só tinha eu. E no curso de Comunicação daquela época, tinha apenas eu e minha prima, além de alguns outros, só que era muito pouco. Uma universidade paga, então o acesso é mais difícil. Mesmo que tinha desconto ou bolsa, ainda é uma universidade paga.

Você se sentia incomodada por ser a única aluna negra da sua sala?

Não, não sentia. Meus pais sempre me passaram que a gente não era diferente de ninguém. Antes eu estudava em escola particular. No ensino fundamental não tinha negros, apenas eu e o neto de um dos funcionários da limpeza. Depois, no ensino médio, tinha mais um menino, que inclusive passou em primeiro lugar em um curso da USP. Mas é assim, o negro tem que fazer vinte vezes pra poder estar em um lugar. Mas nunca me incomodou, o que me incomoda é que eu queria que houvesse outros negros ocupando o mesmo lugar.

Em relação a isso, agora como você se sente como uma cantora negra?

Tenho minha imagem muito

formada e a minha imagem é de não, não faça graça, não te dou esse espaço. Porque assim, a forma como eu me visto, a cor da minha pele, a forma como é meu cabelo e a minha diversão, não anulam a minha competência.

Por que esses episódios acontecem?

Porque é um problema cultural. Vão demorar algumas gerações e não sei se acaba. A criança repete aquilo que ela escutou do pai, se referindo “àquele negrinho, àquela negrinha, é coisa de preto”. Então, infelizmente vai durar muito.

O que você acha das medidas destinadas à inclusão, como o uso das cotas em universidades?

Não fui cotista, já tive muitas discussões sobre as cotas. Eu acho, é uma situação de reparação. Eu vejo que são como uma medida emergencial. Eu já escutei histórias de humilhações horroscas; de que aquela pessoa não tem capacidade, de que estaria roubando o lugar dele, de que ganhou desconto ou de que não paga. Quando eu fui capa da Revide, ouvi que estava do lado da “força errada”, mas não, é muito melhor estar ali, naquele espaço. Eu fui a primeira a ser capa da Revide sozinha e olha como

isso é massa, o quanto isso é representativo.

Ter negros no poder é uma ameaça a sociedade?

É uma ameaça total. Não para mim, mas as pessoas têm esse medo. Por exemplo, uma jornalista, Maju Coutinho, foi ela começar a destacar que o povo já começou a falar do cabelo, da vida particular.

Como as pessoas negras, especialmente os jovens, devem se posicionar em relação ao racismo? Qual ensinamento você gostaria de transmitir?

Cada situação é diferente. Mas uma das coisas que tenho feito muito em relação a qualquer tipo de preconceito é deixar claro que não é brincadeira. Para um jovem negro, entender que ele não é menor por ser negro. Entender que a cultura negra é incrível, então, ler cada vez mais, consumir os conteúdos de outros negros, documentários, ter a educação na ponta da língua. E por mais difícil que seja, ter o discurso dentro de si de que você é muito bom. Você só consegue convencer alguém se você acreditar. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BETÂNIA MARQUES

Reinventando o ensino na pandemia

Professor e aluno: uma relação de proximidade impactada pelo distanciamento social

REPÓRTER:
RÚBIA BRAGANÇA

Muitos foram os desafios para os alunos frente à nova realidade imposta pelo Covid-19. A pandemia exigiu uma mudança brusca na relação entre alunos e professores, que não puderam conviver no ambiente escolar. Sob a perspectiva dos professores, Betânia Marques – atualmente professora de redação e filosofia – demonstrou que novos ares nem sempre são trazidos voluntariamente; o distanciamento social a condicionou a iniciar sua carreira virtualmente, situação transformada de problema em solução. Betânia fundou uma plataforma de correção de redações a um preço acessível para vestibulandos de baixa renda, além de criar conteúdo gratuito nas redes sociais sobre temas recorrentes nos vestibulares. Assim, surgiu seu curso completo de redação on-line.



com uma grande defasagem nos conteúdos. Fico triste que a nossa realidade seja essa, de tamanha discrepância entre a educação pública e privada, mas muitos voluntários lutam para superar essa distância, pelo menos um pouco. A experiência como professor voluntário é desafiadora e importante. De um lado tem a parte do compromisso diário em trabalhar, mesmo sem ganhar nada, de outro tem a questão de ganhar experiência e também o desafio de tornar o conteúdo acessível para quem nunca o viu antes.

Tendo se formado em 2020, num contexto de pandemia e sem qualquer perspectiva de aulas presenciais, como se sentiu ao ingressar no mercado de trabalho de modo 100% digital? Acredita que foi algo prejudicial aos alunos, especialmente o seu público, os vestibulandos?

O ano de 2020 foi muito conturbado, principalmente para os estudantes. Não é fácil manter o foco no conforto de casa e longe do ambiente escolar. Foi um desafio enquanto professora, o ensino on-line, principalmente pela falta de participação dos alunos

e também por conta das câmeras desligadas. Isso desmotivou os profissionais. Mas eu entendo o lado dos alunos e sei que para eles tem sido ainda mais difícil.

Os moldes brasileiros da educação são os mesmos há séculos, com pequenas mudanças, mesmo com a inserção de tecnologia e elementos digitais na sala de aula. Porém, tais elementos nunca chegaram na mesma proporção nas escolas públicas. Boa parte dos seus alunos viveu e vive essa realidade de ensino online sem os devidos recursos tecnológicos. Como você enxerga esse processo no último um ano e meio?

O período de pandemia potencializou as desigualdades na educação. Alunos de escolas privadas tiveram aulas remotas, enquanto os de escolas públicas ficaram praticamente sem acesso às aulas. Muitos alunos precisaram abandonar a escola para trabalhar e ajudar na renda familiar, uma realidade que acompanhei dos meus próprios alunos.

Você considera que seu contato com o ensino particular foi determinante

para seu futuro acadêmico e profissional?

Sim. Sem o ensino particular eu não teria conseguido chegar onde cheguei, principalmente pelo fato de ter percebido a importância dos estudos na escola particular. Antes, na escola pública, eu fazia as coisas no automático, inclusive estudar. Não tinha perspectiva de um futuro profissional que fosse diferente dos meus pais.

Você enxerga o meio digital como uma ferramenta positiva para alunos e educadores?

O meio digital democratiza o conhecimento e é uma das principais ferramentas atuais para isso. Usando-o, as pessoas conseguem ter acesso a educadores e conteúdos gratuitamente ou com um preço acessível. Além disso, facilita o alcance dos professores, que podem se sentir mais motivados a ensinar após se conectar com pessoas interessadas naquele conteúdo.

Foi necessário um aperfeiçoamento seu para trabalhar no contexto digital, ou se sentiu preparada pela universidade?

A universidade não prepara para esse universo digital, pelo menos não no curso que eu fiz. No começo até fui hostilizada por outras pessoas do meu curso, inclusive professores, que veem na Internet um lugar inapropriado para debates e troca de conhecimento.

Você enfrentou algum tipo de dificuldade em relação à sua forma de iniciar a carreira profissional, pelos meios digitais? Ou em relação aos seus conteúdos mais descontraídos das

redes sociais?

É muito difícil desapegar da forma tradicional de transmitir conhecimento. Somos moldados na universidade a lecionar de determinada forma, até mesmo na imposição do respeito. Os conteúdos descontraídos são um desafio diário, porque tem o julgamento dos outros profissionais da área. Os alunos adoram, mas até chegar nesse ponto muita coisa desconcertante acontece.

Como ex-aluna da rede pública e atualmente professora, quais caminhos você considera possíveis de serem traçados, ainda no cenário pandêmico, em prol de alunos de baixa renda?

Principalmente a divulgação de iniciativas como cursinhos populares e ONGs que ajudam no custeio de Internet e equipamentos eletrônicos para pessoas de baixa renda. Tem muitas pessoas querendo ajudar e muitas outras precisando de ajuda; falta elas se encontrarem. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Sua primeira experiência foi como professora voluntária em cursinhos gratuitos em Belo Horizonte. Na sua opinião, qual a importância desse tipo de projeto para os estudantes e também para os voluntários que pretendem ser professores futuramente?

BETÂNIA MARQUES – O cursinho popular, para muitos, é a única oportunidade de acesso a uma revisão para o vestibular. A maioria dos alunos é de baixa renda e